

Jornal DO Sinditest-PR

JORNAL DO SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR NO ESTADO DO PARANÁ
EDIÇÃO 25 | ANO 23 | JUNHO 2017 | GESTÃO SINDICATO É PRA LUTAR ✎ | WWW.SINDITEST.ORG.BR

MUDANÇA PARA O CIC

NEOVILLE:

técnicos(as) não aceitarão transferência
apressada e sem estrutura



ASSEMBLEIA

O QUE VOCÊ SABE SOBRE A

SEDE NEOVILLE?

QUANDO? **21.06** : ONDE? AUDITÓRIO CÂMPUS
QUARTA-FEIRA, ÀS 16H : CURITIBA-CENTRO

Contamos com a participação de cada um de vocês: estudantes, TA's e docentes

CENÁRIO

Mudança para a Sede Neville em 2017 É INVIÁVEL

Nesse cenário é impossível mudarmos este ano”, garante um(a) dos(as) trabalhadores(as) da UTFPR envolvidos(as) na transferência para a sede Neville. O câmpus de 245.000 m², com uma área construída total de 31.000 m², adquirido pelo montante de R\$ 65 milhões, precisaria de um aporte de pelo menos mais R\$ 10 milhões para poder receber com dignidade alunos(as) e funcionários(as).

Falta tudo e sobra pressão por parte da direção do câmpus Curitiba. A mudança para a nova sede é um sonho que o diretor Cezar Augusto Romano quer realizar ainda na sua gestão. “Eles estão dizendo que vamos nos mudar em setembro, fazem isso de forma muito atropelada. A gente não consegue nem trocar uma lâmpada no local de trabalho e eles têm a ilusão ou fazem um terrorismo de que a galera vai amanhã. Os trabalhadores e trabalhadoras ficam ansiosos porque tem uma vida organizada: a creche do filho, o lugar onde mora, tudo com base naquilo. Então, há essa contradição. A falta de dinheiro para estruturar uma sede nova não é responsabilidade da administração local – estamos vendo cortes em tudo – mas é responsabilidade deles o fato de meterem uma pressão no pessoal dizendo que vai ser pra ontem”, afirma Carlos Pegurski, coordenador geral do Sinditest e trabalhador da instituição.

De acordo com a Reitoria, a intenção é que 850 docentes e pesquisadores(as), 250 técnicas e técnicos-administrativos, 120 terceirizados(as) e aproximadamente 9.000 estudantes distribuídos(as) nos três turnos sejam transferidos(as) para este câmpus, que de Universidade, até o momento, não tem nada.

SEGURANÇA

“O mais grave dos problemas é a segurança. O entorno é problemático, mas não é porque o bairro é periférico que a Universidade não tem que estar lá. É justamente o contrário, a Universidade tem que estar nos bairros mais populares, onde os trabalhadores e trabalhadoras moram. Por outro lado, é evidente que isso exige uma programação maior”, enfatiza Pegurski.

TRANSPORTE

Situada na zona sul da cidade, no bairro CIC, a nova sede é de difícil acesso via transporte público. Do Centro, é necessária no mínimo uma troca de veículo até o destino final, num trajeto de aproximadamente uma hora e quinze minutos. O grande problema são os alimentadores: linha Carbomafra e linha Bosch, bem mais demorados que o “vermelhão”. “Com a estrutura de ônibus que tem hoje, quem mora na região metropolitana não vai conseguir chegar na Universidade pela manhã ou retornar para casa após o término das aulas, às 23h. Então, se ela não serve pro filho e pra filha da classe trabalhadora, serve pra quem?”, questionam os técnicos e técnicas.



Antiga fábrica da Siemens, a sede Neville ainda não tem estrutura para abrigar atividades acadêmicas

ESTRUTURA

Há também problemas relacionados ao local. O terreno, embora seja amplo e permita o crescimento da Universidade, tem como limite o orçamento, que sofre cortes ano a ano e deve ser ainda menor com a PEC da Morte. O mesmo ocorre com os prédios já construídos. Somente para a adaptação do barracão principal seria necessário um investimento de aproximadamente R\$ 2,5 milhões. Para a instalação de laboratórios e salas de aula será preciso um sistema

de exaustão para que o ambiente não se torne insalubre. Para o futuro bloco administrativo o gasto será menor: a parte elétrica, sem a rede lógica, foi orçada em quase R\$ 500 mil.

“Fechamos em seis meses só a execução da elétrica. Nós ainda temos que fazer o processo licitatório, que leva 90 dias na melhor das hipóteses. Nesse cenário é impossível nos mudarmos este ano. A gente trabalha com custo e com prazo de execução. Não

adianta trazer as mesas pra cá semana que vem se não temos nem onde plugar os computadores. Não tem condições.”

“Tenho certeza que a Reitoria não tem porte financeiro para bancar isso aí hoje. Para adequar toda a estrutura, para o sonho que o Romano quer, menos de 10 milhões não dá. Levaríamos, no mínimo, cinco anos”, explica um(a) dos(as) trabalhadores(as) da engenharia da instituição.

FALTA DE PLANEJAMENTO

A falta de planejamento não é novidade. Nos últimos anos, boa parte da quadra ao lado da UTFPR foi comprada e os terrenos estão inativos. Ao mesmo tempo, uma parcela da Reitoria da UTFPR ocupa um prédio alugado e mesmo atividades acadêmicas foram remanejadas nos últimos anos para prédios da região na mesma condição.

Segundo a Reitoria, existe o plano de deso-

cupar o prédio alugado e ocupar os blocos da Av. Sete de Setembro e da R. Desembargador Westphalen, nas laterais da fachada histórica da instituição. Segundo trabalhadores(as) locados(as) nesses ambientes, essa é uma das razões pelas quais a transferência das atividades do câmpus Curitiba para a sede Neville estaria sendo tão apressada.

No entanto, não está claro para os(as)

trabalhadores(as) por que movimentar todo o câmpus para lá, se todo o restante da quadra permanecerá sem uso, nesse caso. Ou, se há planos de manter atividades na quadra central, o que implica no projeto de vida de milhares de trabalhadores(as) e alunos(as), resta saber em que instância será decidida a permanência ou a locomoção de cada um dos setores e quais os critérios para isso.

Sinditest reivindica que a comunidade acadêmica participe das discussões sobre a ocupação do Neville



Entre docentes, trabalhadores(as) e estudantes, mais de 10.200 pessoas podem ser transferidas para uma sede sem estrutura

HÁ UM PLANO PARA A NEVILLE?

A incerteza é a regra. Não está claro como o espaço será ocupado. Não há espaço para que a comunidade participe e defina os rumos do seu local de trabalho e estudo. Não está claro como problemas centrais serão resolvidos. Não há também um cronograma real: a direção insiste na data de setembro deste ano para a transferência mesmo sem haver verba que possibilite isso – e, ainda que houvesse, os trâmites de licitação e execução levariam o ano todo.

Com tantas lacunas, os(as) trabalhadores(as) se questionam, afinal, se há de fato um plano real de ocupação para a sede Neville ou se tudo não passa de pressão para cortar a faixa na atual gestão da direção, que se encerra no final de 2017. “A gestão não deveria trabalhar sobre uma data, mas sobre as condições a serem reunidas para mudar. Hoje por hoje, o que temos de concreto são apenas duas coisas: o local não está pronto para abrigar as atividades do câmpus e o os trabalhadores e trabalhadoras não se submeterão a condições ainda mais precárias”, aponta Pegurski.

A sede, que por enquanto abriga somente o curso de Educação Física, conta com cantina apenas no período da manhã, não dispõe de biblioteca e de qualquer outra estrutura básica de permanência. Em visita realizada pela diretoria do Sinditest e membros da base, além dos poucos(as) funcionários(as), não foram encontrados alunos(as).

ECOVILLE

Após mudança apressada, UTFPR Ecoville tem PROBLEMAS DE SEGURANÇA



Incêndio e até tiroteio já ocorreram na sede

A situação atual da sede Ecoville da UTFPR mostra as consequências de uma transferência apressada e sem estrutura. Seis anos após a inauguração, realizada em maio de 2011, trabalhadores(as) do local denunciam a infraestrutura precária, cujo maior problema é a insegurança – tanto a patrimonial, por falta de vigias, quanto a do trabalho e dos estudos, devido à falta de equipamentos.

Segundo um técnico lotado no Ecoville, o mais grave são os laboratórios de química. As atividades desenvolvidas produzem gases químicos que são tóxicos, e os locais não possuíam exaustor até meados de 2014. Por isso, estudantes e docentes eram obrigados(as) a deixar a porta de incêndio aberta para ventilar o lugar. “Porta corta-fogo tem que ficar fechada. Laboratório de química tem que ter exaustor. Essa falta de infraestrutura colocava em risco a segurança dos alunos

e alunas”, afirma o trabalhador. Atualmente, muitas portas de incêndio apresentam problemas, não fecham ou ficam emperradas, conta o técnico.

Assim que foi inaugurado, o portão da sede sequer tinha cancela. Roubo de carros e furtos de objetos dentro dos automóveis eram bastante comuns. Isso mostra a falta de cuidado da administração no processo da mudança, cenário que pode se repetir na transferência para o câmpus Neoville, no CIC.

Segundo reportagem da Gazeta do Povo, o Ecoville foi inaugurado sem autorização nem do Corpo de Bombeiros nem da prefeitura.

“Os prédios não receberam certificado de vistoria dos bombeiros por apresentarem problemas de segurança, e obtiveram apenas aprovação do relatório ambiental na avaliação realizada pelo município. Entre os problemas mais crí-

ticos está a falta de escadas de incêndio em três dos quatro blocos prontos. Sem elas, as portas de emergência nos andares mais altos dão direto para um ‘abismo’. Segundo a UTFPR, a instalação das escadas ainda não foi feita por problemas com o processo de licitação”, afirma a matéria, publicada em 2012.

Episódios graves

Devido à falta de estrutura, o Ecoville já foi palco de verdadeiros desastres, que colocaram a segurança da comunidade acadêmica em risco. O mais grave deles ocorreu em setembro de 2015, quando bandidos armados invadiram a sede para tentar roubar dinheiro de um caixa eletrônico, durante a madrugada.

Houve troca de tiros entre dois assaltantes e um segurança da instituição, e uma porta de vidro foi estilhaçada pelos disparos.

Outro episódio perigoso ocorreu em março de 2015. Um incêndio atingiu um depósito de poltronas, destruindo parcialmente o local de 140 metros quadrados. As chamas levaram duas horas para serem controladas, e ninguém ficou ferido.

Casos como esse, facilitados pela falta de segurança e estrutura, podem ocorrer na sede Neoville, caso a inauguração também seja realizada de forma negligente.

Sem espaço para convivência

Além disso, a sede não tem nenhuma estrutura para lazer, ou nenhum tipo de centro de convivência para alunos(as). “Eles acabam improvisando nos centros acadêmicos, colocam almofadas, fazem um lugarzinho para descansar. É uma falha da Universidade, essa parte é importante”, comenta o técnico lotado no Ecoville. Outra questão apontada é a falta de bicicletário. “Os ciclistas não têm onde deixar suas bikes.”

Lá funcionam os cursos de Química, Biologia, Engenharia Civil e Mecânica, Arquitetura, técnico em Mecânica e pós-graduações.

EXPEDIENTE

O **Jornal do Sinditest-PR** é uma publicação do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Terceiro Grau Público de Curitiba, Região Metropolitana e Litoral do Estado do Paraná. Avenida Agostinho Leão Junior, 177 - Alto da Glória - Curitiba/Paraná | Telefone: (41) 3362-7373 | Fax: (41) 3363-6162
www.sinditest.org.br | imprensa@sinditest.org.br | Fotos: Sinditest-PR. **Jornalista Responsável:** Sílvia Cunha - MTB: 0009599/PR.
Redação: Luísa Nucada e Sílvia Cunha | **Coordenação:** Carla Cobalchini | **Diagramação:** Ctrl S Comunicação (www.ctrlscomunicacao.com.br)
Tiragem: 500 exemplares | **Gráfica:** Gráfica Mansão - fone: 3598.1113 e 9926.1113. É permitida a reprodução com a citação da fonte.



twitter.com/sinditestpr



www.sinditest.org.br



facebook.com/sinditest



imprensa@sinditest.org.br